

O país dos sortilépios

15 JUN 1987

Rogério Coelho Neto



Desde que a crise econômica se tornou mais forte e a sua popularidade foi praticamente reduzida a zero, o presidente José Sarney não dá um passo sem consultar os astros. Aliás, para isso, ele dispõe de um de seus próprios assessores de comunicação, o jornalista Getúlio Bitencourt, que também é astrólogo — e dizem que dos bons. Pessoas que gozam da intimidade do presidente afiançam, aliás, que, quando governador do Maranhão, Sarney já gostava de tomar decisões, seguindo conselhos de conterrâneos acostumados a lidar com o sobrenatural.

Do doutor Ulysses, o *Senhor Diretas* de três anos atrás que hoje foge de qualquer decisão em torno da marcação, o mais rápido possível, da eleição que vai apontar o sucessor de Sarney, afirmam os que são a ele ligados que existe em São Paulo um vidente que dirige, praticamente, os seus passos, desde a ida do PMDB para o poder. Ulysses teria aprendido, possivelmente, a confiar em algo que foge ao raciocínio dos simples mortais com Tancredo Neves, o criador da Nova Repúblí-

ca, que fazia do sobrenatural uma espécie de bússola política, ouvindo espíritas de mesa, chefes de terreiros tradicionais, videntes e jogadores de búzios.

Consultar os astros tem sido também uma constante, ao que tudo indica, na faina diária dos assessores militares do presidente da República. É que as pressões nas bases são grandes, porque oficiais ou praças de qualquer unidade das Três Forças pagam, como qualquer segmento da sociedade civil, o alto preço do descalabro de uma economia que chegou ao fundo do poço depois de viver uma curta lua-de-mel com o sonho e a fantasia.

Aquilo que era até aqui — ou que parecia ser — um privilégio dos políticos da Bahia, como o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, está virando agora uma espécie de modismo. O governo, ao que se sabe, sem que tenha a pretensão de viver no mundo da lua, nada resolve sem buscar primeiro conhecer o que dizem os astros. Corre uma lenda de que isso virou praticamente lei pela descrença do ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro. O dono da Trol, uma fábrica de brinquedos, teria sido alertado por um vidente do Ceará de que o final de fevereiro não era um mês propício a grandes viradas econômicas. Funaro não

levou a sério a previsão, e o Plano Cruzado, por coincidência ou não, depois de um período de falsa opulência, deu no que deu.

Há quem garanta que um astrólogo de estado não definido cantou para o ex-ministro do Planejamento, João Sayad, as dificuldades que enfrentaria no cargo. Esse mesmo leitor do segredo das estrelas e dos planetas chegou até, segundo as mesmas fontes, a advertir Sayad de que ele não iria longe como um dos homens fortes da economia de risco que a Nova República resolveu adotar.

Se os astros andaram falando que o ministro do Trabalho, Almyr Pazzianotto, não conseguiria nenhum avanço significativo na área social, não se sabe. É duvidosa, ainda, a participação dos que lidam com sortilépios na área da educação. Já no setor da cultura, dificilmente o professor Celso Furtado, como bom nordestino que é, deve deixar de lado uma consultazinha inocente a este ou àquele chefe de terreiro. Teria sido um trabalho bem-feito por amigo baiano, o grande *pistolão* usado pelo ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, para afastar para bem longe paulistas e até alguns conterrâneos mineiros que pretendiam lhe tomar o cargo.

O ministro Raphael de Almeida Magalhães, que figura ao lado do ministro Renato Archer, na

famosa turma do *poire*, também tem lá as suas crenças e os seus *pais-de-santo* favoritos. Archer parece se segurar, por sua vez, com os mesmos protetores de Sarney. Protetores, enfim, a quem os mais supersticiosos creditam o trabalho que permitiu a pacificação entre o presidente e o seu ministro de Ciência e Tecnologia, principais lideranças políticas do Maranhão, e que pareciam adversários irreconciliáveis.

Uma República, assim, teria que dar certo. Mas que existe alguma coisa errada, pairando de maneira teimosa no ar, não há dúvida. Não se sabe é se a culpa por esse instrumental de erros é dos homens ou dos astros. Dúvida que precisa, no entanto, ser urgentemente esclarecida, porque, em matéria de sonho, a única previsão brasileira conhecida continua sendo a de Joãozinho Trinta. Ele disse no seu primeiro carnaval portentoso para a Escola de Samba Beija-Flor, em enredo que levantou os foliões do Rio, que sonhar com rei dá leão.

E deu, na quinta-feira seguinte ao carnaval citado. Para desespero dos banqueiros, incluindo-se, naturalmente, o da própria Beija-Flor, que venceu o campeonato do samba, mas perdeu no sonho realizado na passarela alguns milhões de cruzados (cruzeiros à época).